

editorial

Em defesa da pesquisa militante

Leonardo Evaristo Teixeira

Na mesa *10 anos da revista InSURgência e a pesquisa militante* do X Seminário Nacional “Direitos, desigualdades, e movimentos sociais nas periferias do capitalismo”, do Instituto de Pesquisa, Direitos e Movimentos Sociais (IPDMS), que ocorreu na Universidade Federal de Jataí, em Goiás, entre os dias 16 e 19 de outubro de 2024, realizei uma fala *Em defesa da pesquisa militante* na qual, com algumas modificações, que nada alteram o seu sentido original, é trazida, aqui, como editorial do primeiro número de 2025 (v. 10, n. 1, jan./jun. 2025), em que se tem a publicação do dossiê *Conflito Fundiário e conflitos fundiários no campo e na cidade*, sob coordenação de Mariana Trotta Dallalana Quintans, Erika Macedo Moreira e Hugo Belarmino de Moraes.

Apesar de termos realizado editorial em comemoração de uma década deste periódico insurgente na edição anterior, intitulado *10 anos de InSURgência: um viva à pesquisa militante e à defesa da luta e dos movimentos populares* (Teixeira; Uchimura; Pazello, 2024), mais que um ato comemorativo, o que se pauta é a necessidade de discutir a pesquisa militante, o que disputamos e seu compromisso ético.

Desejo a todas, todes e todos uma boa leitura não só deste Editorial, como também de todo dossiê, que, de forma inédita, foi realizado em parceria com os projetos de extensão universitários Núcleo de Assessoria Jurídica Universitária Popular Luiza Mahin da Universidade Federal do Rio de Janeiro (NAJUP/UFRJ), o Observatório Interdisciplinar e Assessoria em Conflitos Territoriais Extensão e Pesquisa da Universidade Federal da Paraíba (OBUNTU/UFPB) e o Observatório Fundiário Goiano da Universidade Federal de Goiás (OFUNGO/UFG); de modo a reafirmar o que aqui defendemos como pesquisa militante.

* * *

Em 1945, Patrícia Galvão, a Pagu, publicou um importante artigo na *Vanguarda socialista*, intitulado *Em defesa da pesquisa*. Ouso em apropriar, de certa forma, de seu termo e intitular minha fala como *Em defesa da pesquisa militante*.

Se nos ides de 1945 Pagu defendia a pesquisa com a finalidade de que servisse à libertação do ser humano, para valorização ou até a sua elevação;

contemporaneamente devemos avançar no debate que vem se acumulando no âmbito das pesquisas críticas, especialmente, na América Latina.

Para falar de pesquisa militante e para defendê-la, trago aqui a *InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais*, vinculada ao Instituto de Pesquisa, Direitos e Movimentos Sociais (IPDMS), em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania, da Universidade de Brasília, na qual sou um dos editores junto a outras companheiras e companheiros. Em 2024, a revista completou seus 10 anos de existência. Ela é um exemplo de um espaço aglutinador que tem somado na consolidação de uma pesquisa militante, apoiada em uma política editorial que vem sendo construída colaborativamente junto aos associados e associadas do IPDMS. O que demonstra a InSURgência dentro de um projeto político de fazer pesquisa *com* e *para* os movimentos sociais.

Nestes 10 anos temos debatidos uma multiplicidade de assuntos, com destaque às temáticas de dossiês no campo das assessorias jurídicas populares, direito e marxismo, gênero, raça e classe, a luta pela terra e sobre a questão fundiária e socioambiental, a luta por direitos etc. Foram, até agora, 11 edições e 21 volumes, fruto de um compromisso ético junto aos movimentos sociais e a partir de pesquisadores militantes que vieram e vêm construindo voluntariamente a revista. Dessa forma, não se trata de um espaço qualquer, é um espaço político e acadêmico de discussão, fundado também na ética do pensamento militante.

É no marco comemorativo desses 10 anos de InSURgência, que gostaria de trazer uma breve reflexão acerca dessa tal pesquisa militante e fazer sua defesa, se é que seja necessário.

Alguns elementos para pensarmos a pesquisa militante

Antes de suporem que definirei *pesquisa militante*, não tenho essa pretensão. Seria reducionista de minha parte. Ao menos gostaria de apontar alguns elementos à reflexão:

- a) por ser uma pesquisa não deve abandonar a sua cientificidade (e essa nunca foi sua pretensão, diga-se de passagem, e a obra do colombiano Orlando Fals Borda nos confirma isso¹), embora devamos estar atentos para que não caiamos nos dogmas da pesquisa positivista, essa mesma pesquisa que é comumente

¹ Para informações do pensamento e pesquisa militante de Fals Borda, ver Bringer e Maldonado Bravo (2016).

ensinada nas faculdades, qualquer área que seja, e que tenta validar o conhecimento a partir de certo padrão de validade, especialmente do norte global. Edgardo Lander (2000, p. 10) a entende como a construção eurocêntrica do pensamento “que piensa y organiza a la totalidad del tiempo y del espacio, a toda la humanidad, a partir de su propia experiencia, colocando su especificidad histórico-cultural como patrón de referencia superior y universal”;

- b) um dos dogmas positivistas é a neutralidade, na qual a pesquisa militante não só abandona como também rechaça. Tal como Michel Löwy (2000) sustenta em *As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen...*, não é possível acreditar na alegoria de que o Barão de Münchhausen retirar-se-á de um atoleiro e a seu cavalo, no qual está montado, ao puxar seus próprios cabelos. Ou seja, não há neutralidade por mais objetivo que se possa ser, não há cisão completa e “pura” entre sujeito e objeto;
- c) a pesquisa militante se diferencia por seu compromisso ético, por entender que não existe neutralidade e por assumir um lugar junto aos povos oprimidos. O compromisso ético é superar as formas de opressão, repressão e dominação dos povos; é libertar e sermos libertados da opressão e construirmos o novo através das possibilidades das incertezas. Fals Borda (2015, p. 243-244) ao explicar a ideia de compromisso afirma que se trata de uma ação do intelectual que, ao saber onde pisa, deixa a posição de simples espectador e se coloca a serviço da causa. Trata-se assim de um *compromisso-ação*, que articula convergir tanto o conhecimento teórico quanto com a práxis;
- d) é também estética: Enrique Dussel (2018, p. 17 e ss.), em suas obras mais recentes, trabalhou com a questão da estética no âmbito da libertação. Enquanto pesquisadores/as militantes é imprescindível começarmos a pensar neste ponto. A estética não se resume ao que é belo, mas senão é um campo que é determinado pelo campo político; de modo a mostrar que a arte tem servido a fins políticos. Os muralistas mexicanos, por exemplo, conseguiram expressar uma história da tradição do povo oprimido, além de seu processo de libertação.

Diante destes pontos mencionados, por ser a produção de saberes uma trincheira onde os projetos antagônicos estão em disputa (Versiani; Jaumont, 2016, p. 417), a pergunta que me vem a cabeça é: o que estamos disputando?

O que disputamos?

A disputa é por corações e mentes, como nos ensinou Gramsci. No entanto, para chegarmos a esse fim, enfrentamos algumas dificuldades. A primeira delas é a não receptividade desse tipo de pesquisa dentro da academia; embora essa questão tenha se mudado nos últimos anos, com o aumento da complacência à nossa perspectiva, assim como com relação da abertura editorial a ela; e a revista InSURgência veio com esse propósito desde o seu surgimento.

A segunda é a disputa entre nós. O “nós” de quem fazemos pesquisas militantes individual ou coletivamente e dos nossos pares que também nos avaliam. As divergências podem ser e normalmente são metodológicas e/ou teóricas, embora possamos também incluir a delimitação do tema e/ou do objeto. Fazer pesquisa militante não tem receita, é construída a partir das circunstâncias do pesquisador ou pesquisadora com relação ao objeto de sua pesquisa; e cujo objeto pode ser a própria vivência do pesquisador ou pesquisadora ou da causa ao qual está lutando e defendendo.

A terceira refere-se ao embate da pesquisa militante com o mundo e contra o que se pretende mudar, inclusive, no âmbito da institucionalidade. É usar os resultados parciais ou finais em favor dos oprimidos. Isso quase nunca é bem-visto pelo outro lado, que a todo custo tenta descredibilizar os dados, a pesquisa. Imagina o poder judiciário, que também pode fazer parte da elite latifundiária, decidir a favor dos movimentos que lutam pela terra? A disputa aqui é diferente da anterior porque ela também é ideológica e como nos lembra Löwy (2000, p. 10): “Para Marx, a ideologia é uma forma de *falsa consciência*, correspondendo a interesses de classe”.

Portanto, são estes elementos que disputamos, a partir da pesquisa militante, para transformar a realidade dos povos oprimidos, *com e para* eles.

O fazer militante da pesquisa e um compromisso ético: pensando a partir da InSURgência e do IPDMS

O saudoso filósofo Enrique Dussel (2016, p. 172 e ss.), em *14 tesis de ética. Hacia la esencia del pensamiento crítico*, especificamente na *Tesis 13*, defendeu que os princípios éticos ou críticos possibilitam real e objetivamente a liberação dos oprimidos e excluídos, tratando-se uma dimensão *a priori* da práxis. Razão pela qual nos indicou um possível caminho para transformação da realidade – sem qualquer pretensão de que tal caminho seja algo dado.

Nesse sentido, Dussel apresenta três, digamos, etapas: 1) Através da crítica e sendo uma crítica negativa ao sistema moral, é que se cumpre o que Karl Marx escreveu na tese 11, nas *Teses sobre Feuerbach*, que o papel dos filósofos é interpretar para transformar a realidade. Se adequarmos a fala de Marx aos dias de hoje, não restringiria apenas aos filósofos, mas sem dúvida incluiríamos aquelas e aqueles que, a partir do pensamento crítico – inclusive nós do direito que buscamos usar o direito contra o direito, com o seu uso tático – criticam ou criticamos negativamente o sistema moral vigente com o fim de negar a negação afirmando-a enquanto estrutura e estruturante das injustiças. No entanto, é com o fazer humano em sua potencialidade e capacidade que temos a possibilidade de fazer e des-fazer mundos (Herrera Flores, 2005); ponto pelo qual chegamos ao segundo momento do filósofo argentino e radicado no México que trabalhou o 2) momento destrutivo dessa ordem moral por meio da transformação negativa; é o des-fazer desse velho mundo. Porém, não é suficiente, por ser necessário 3) o momento construtivo com a transformação positiva para criar o novo: uma nova ordem mais justa, cujos princípios éticos são as luzes que nos guiam a melhores mediações a partir da condição material, do que é legítimo, e do que é factível.

Com Dussel, encerro por aqui e volto à pesquisa militante. Sem dúvida a pesquisa militante encontra-se nesse primeiro momento crítico de negar a negação que falou Dussel, não se encerrando também aqui. A pesquisa militante parte do oprimido e com ele conscientemente é denunciado as injustiças! Bom, é isso que a InSURgência tem proporcionado historicamente enquanto periódico. Aliás, tem sido o espaço da crítica às injustiças e tem negado a atual ordem vigente em seus diversos dossiês e nas múltiplas publicações. Tem estado ao lado dos movimentos sociais. Recupero aqui a citação que realizamos junto a Guilherme Cavicchioli Uchimura e Ricardo Prestes Pazello no Editorial *10 anos de InSURgência: um viva à pesquisa militante e à defesa da luta e dos movimentos populares*, em que resgatamos editorial dos primeiros editores e editora da InSURgência – me refiro à Alexandre Bernardino Costa, Talita Rampim e Ricardo Prestes Pazello –, em 2015:

A revista surgiu no momento de efervescência pós-criação do Instituto de Pesquisa, Direitos e Movimentos Sociais –IPDMS como “irresignação quanto ao que deve ser denunciado e na ousadia de anunciar algo” (Costa; Rampin; Pazello, 2015, p. 2). Desde 2015, quando nasceu, tem no Instituto as balizas político-editoriais e a Universidade de Brasília, por meio do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania (PPGDH/UnB), a instituição na qual hospeda nossas publicações. No resgate ao editorial de sua criação, entendemos este periódico como um instrumento de um jovem instituto que tem a preocupação de pautar debates centrais, preocupando-se com uma produção intelectual, um rigor científico, com o uso de uma linguagem mais afeita ao dia-a-dia da

militância e da mística dos movimentos sociais (Costa; Rampin; Pazello, 2015, p. 1) (Teixeira; Uchimura; Pazello, 2024, p. 11)

A InSURgência por si só não seria possível senão através dos e das associadas do IPDMS, que têm atuado em cada rincão deste Brasil a partir de um voluntariado militante, de modo a possibilitar a consolidação de um periódico que cada vez mais vem sendo respeitado no meio editorial. Não é qualquer periódico que tem feito dossiês com no mínimo mil páginas por número e de uma qualidade ímpar!

É através do IPDMS e seus associados e associadas que temos construído uma perspectiva crítica dentro da crítica do próprio direito, estando a pesquisa militante lá. Um grande exemplo é o atual relatório produzido pela pesquisa nacional do Instituto denominada “Massacres no Campo” (2024). Como bem disse a Comissão Pastoral da Terra – CPT, o relatório cumpre seu papel, coloca o dedo na ferida do sistema de justiça ante os massacres perpetrados pelo latifúndio contra camponesas e camponeses e lutadores desta terra. Estamos ao lado das vítimas, dos assassinados e assassinadas no conflito pela terra, dos e das despossuídas!

No entanto, não romantizarei a dificuldade do fazer da pesquisa militante, especialmente a partir de um necessário Instituto onde congrega uma multiplicidade de perspectivas, matizes de pensamento, uma heterogeneidade dentro da própria esquerda, do direito e da crítica do direito. A partir dessa pluralidade – e até então sem fragmentariedade? –, temos construído espaços e relações, também temos reafirmado nosso compromisso nesses mais de dez anos juntos aos marginalizados, oprimidos e excluídos.

As diferenças teóricas ou metodológicas, muitas vezes escamoteadas pela *intelligensia* de um ou outro/a pesquisador/a, não podem e não devem sobrepor qualquer compromisso da pesquisa militante junto aos movimentos sociais e à ética com os oprimidos, e até com a ética na pesquisa – no qual não posso deixar de mencionar a importância e necessidade dos projetos de extensões universitários, como os Núcleos de Assessoria Jurídica Universitária Popular (NAJUPs) ao utilizar o conhecimento produzido no âmbito das Universidades, especialmente públicas, para produzir materiais com o fim de apoiar os movimentos sociais e populares. Então, qualquer instituição, instituto ou que o valha não pode ser sacrificado ou fragmentado por uma banalidade que tanto corrói os espaços acadêmicos no geral. Caso contrário, estaríamos cedendo espaço a um *desvio liberal*.

Pesquisa militante até pode ser possível fazer sem amparo institucional, mas com este o diálogo pode ser mais frutífero e a experiência mais vívida. Podemos ser

diferentes de tudo aquilo que somos indiferentes ou desprezamos nos demais espaços institucionais marcados pela vaidade, pelo ego, por práticas de assédio, moral e/ou sexual, pelo produtivismo, por extrativismo acadêmico, pela exploração do hierarquicamente inferior nas relações acadêmicas (nestes últimos exemplos é nítido os casos de denúncias que têm ocorrido no seio da academia brasileira e internacional e da esquerda).

Por isso que reitero que pesquisa militante se faz com compromisso, com dedicação, com respeito e com ética!

O espaço que, em tese, queiramos construir deve se pautar nestas relações e superar aquelas na qual fomos forjados academicamente, que fez com um instituto como o IPDMS pudesse agregar pessoas como nós aqui hoje. Como bem disse Marx, é na práxis que o ser humano comprova o critério da verdade!

É em defesa da pesquisa militante, mas é também em defesa das mediações necessárias e possíveis, dos institutos como o IPDMS, dos periódicos como a InSURgência, em respeito aos princípios éticos que guiam militantes e pesquisadores/as que defendem os movimentos sociais e povos oprimidos.

Enfim, em defesa da pesquisa militante, dos produtos e convergências que dela tem possibilitado! Viva a InSURgência e vida longa ao IPDMS!

Brasil, março de 2025.

Referências

BRINGEL, Breno; MALDONADO BRAVO, E. Emiliano. Pensamento Crítico Latino-Americano e Pesquisa Militante em Orlando Fals Borba: práxis, subversão e libertação. *Revista Direito e Práxis*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 389-413, 2016.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA; INSTITUTO DE PESQUISA, DIREITOS E MOVIMENTOS SOCIAIS. *Massacres no Campo*. Organização de Maria José Andrade de Souza, Diego Augusto Diehl, Carla Benitez Martins e José Humberto Góes Júnior. Goiânia: CPT e IPDMS, 2024.

COSTA, Alexandre Bernardino; RAMPIN, Talita Tatiana Dias; PAZELLO, Ricardo Prestes. Apresentação: (Re)nasce a InSURgência. *InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais*, Brasília, ano 1, v. 1, n. 1, p. 1-3, jan./jun. 2015. DOI: 10.26512/insurgencia.v1i1.18764.

DUSSEL, Enrique. *14 tesis de ética*. Hacia la esencia del pensamiento crítico. Madrid: Editora Trotta, 2016.

DUSSEL, Enrique. Siete hipótesis para una estética de la liberación. *Revista de Filosofía*, n. 77, ene./jun. 2018.

FALS BORDA, Orlando. La crisis, el compromiso y la ciencia. Em: FALS BORDA, Orlando. Una sociología sentipensante para América Latina. Antología e apresentação de Víctor Manuel Moncayo. México, D. F.: Siglo XXI Editores; Buenos Aires: CLACSO, 2015.

GALVÃO, Patrícia. Em defesa da pesquisa. *Vanguarda socialista*, n. 9, p. 2, 26 out. 1945.

HERRERA FLORES, Joaquín. *El proceso cultural*. Materiales para la creatividad humana. Sevilla: Aconcagua Libros, p. 2005.

LANDER, Edgardo. Ciencias sociales: saberes coloniales y eurocéntrico. Em: LANDER, Edgardo (Org.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales*. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

LÖWY, Michael. *As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento*. Tradução de Juarez Guimarães e Suzanne Felicie Léwy. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach. Lisboa, 1845.

TEIXEIRA, Leonardo Evaristo; UCHIMURA, Guilherme Cavicchioli; PAZELLO, Ricardo Prestes. Editorial – 10 anos de InSURgência: um viva à pesquisa militante e à defesa da luta e dos movimentos populares. *InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais*, Brasília, v. 10, n. 2, p. 11-16, 2024. DOI: 10.26512/revistainsurgencia.v10i2.55072.

VERSIANI, Renata; JAUMONT, Jonathan. A Pesquisa Militante na América Latina: trajetória, caminhos e possibilidades. *Revista Direito e Práxis*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 414-464, 2016. DOI: 10.12957/dep.2016.21833.

Sobre o editor executivo

Leonardo Evaristo Teixeira

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGD/UFRJ), com bolsa PROEX da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Mestre em Direitos Humanos pela Universidad Autónoma de San Luis Potosí (UASLP, México). Professor substituto do Curso de Direito do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Jataí (ICSA/UFJ). Integra o Núcleo de Assessoria Jurídica Universitária Popular - NAJUP Luiza Mahin da Faculdade Nacional de Direito (FND/UFRJ) e o NAJUP Josiane Evangelista do ICSA/UFJ; o grupo de pesquisa “Direitos Humanos e Movimentos Sociais” da UFRJ; o GT CLACSO *Pensamiento jurídico crítico y conflictos sociopolíticos*; e os GTs Criminologia Crítica e Movimentos Sociais e Questão agrária, conflitos socioambientais, povos e comunidades tradicionais, ambos do Instituto de Pesquisa, Direitos e Movimentos Sociais (IPDMS). Ainda é membro da Secretaria Executiva do IPDMS e da Equipe Editorial da InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais.